

O ENSINO DA DANÇA NA ESCOLA: Possíveis espaços para sua prática

*Denise Cristina Holzer
Felipe Rodrigo Caldas*

O presente texto versa sobre o ensino da dança na escola, sua presença, sua ausência, conceitos filosóficos que permeiam a prática. Para tanto analisaremos a influência do espaço escolar na formação corporal do indivíduo e as relações estabelecidas entre esse corpo e o espaço. Para tanto parte-se da pesquisa-participante no qual o pesquisador através de eixos permeadores analisou sua prática docente, por meio de grupo focal, atividades práticas, análises estéticas, discutindo com os alunos as possibilidades de movimento e relação do corpo com o espaço da dança na escola.

Palavras-Chave: Arte-Ensino, Corpo, Dança.

INTRODUÇÃO

O presente texto proporciona uma discussão sobre o ensino da dança nas aulas de arte, tendo em vista a sua abordagem “obrigatória” (muitas vezes não correspondida) nas aulas. Para tanto, o pesquisador analisou sua prática, investigando as possibilidades do ensino da dança na escola, a utilização de espaços não convencionais para o ensino da dança e quais relações o aluno estabelece com o espaço escolar. Na pesquisa de campo, questões foram elaboradas fundamentando princípios norteadores com intuito de conhecer e sentir o próprio corpo. Buscou-se também a compreensão da forma como se apresenta a relação entre o meu corpo e o corpo do outro. O entendimento das formas de movimentação dentro do espaço escolar do qual o corpo se faz presente também foram abordados.

A análise parte das práticas pedagógicas do professor pesquisador, no Colégio Estadual Santo Antonio, na cidade de Pinhão no estado do Paraná, com alunos da 2ª série do Ensino Médio, no período da manhã, turma da qual o pesquisador é regente, dessa forma possibilitando uma pesquisa no espaço-tempo das aulas de arte.

Para fundamentação teórica da pesquisa, foram utilizados autores como Isabel Marques, Christine Greiner, Márcia Strazzacapa, Rubia Mar Nunes Pinto, Jussara Miller, que abordam em seus trabalhos questões como, a dança no âmbito escolar, a formação corporal de indivíduos, a exploração de novas formas de construção de movimento.

Três princípios foram utilizados para se pensar a pesquisa. O primeiro é a investigação corpórea própria, conhecer, entender e vivenciar as possibilidades de movimento do próprio corpo. O segundo momento des-

critico adiante com mais clareza, são explorações em torno do entendimento das relações existentes entre o meu corpo e o corpo do outro, investigando novas possibilidades de relação entre esses corpos. O último princípio emana da procura de novas relações com o espaço escolar, novas possibilidades de contato entre o corpo e o espaço da escola.

Para a coleta de dados às aulas foram registradas em portfólio, desenhos que servirão de relatos de experiências, grupo focal, que segundo Beatriz Carlini Contrim, é um método de pesquisa qualitativa que pode ser utilizado para compreensão de como se formam as diferentes visões e atitudes acerca de um fato, prática, produto ou serviços (CONTRIM, 1996), uma forma de conversa, com intenção de amostra de idéias referentes às atividades desenvolvidas.

Para contextualizar a problemática do espaço do ensino da dança na escola, o pesquisador analisa inicialmente documentos pedagógicos e leis que permeiam a prática do ensino da dança na escola, relacionando esse ensino com a formação corporal do indivíduo. No segundo momento deste artigo trataremos mais profundamente sobre a construção corporal do indivíduo enquanto parte intrínseca da sociedade. E por fim apresentamos à pesquisa de campo, quais foram os métodos e meios utilizados para a investigação corporal e quais resultados puderam ser observados.

DANÇA NA ESCOLA

Quando citamos o ensino da dança no ambiente escolar, várias barreiras se opõem a essa prática. Com frequência são citadas: a falta de formação do professor, ausência do conhecimento de como fazer, alunos não tão interessados a essas práticas, superlotação de alunos por sala, faixa etária diferenciada, entre outros. A dança na educação é muitas vezes ignorada como uma parte importante de apoio do currículo para aprendizagem dos alunos, devido à falta de recursos, falta de pesquisa em relação aos benefícios da dança na educação, e a legislação é focada em outras áreas de conteúdo, tais como matemática e português.

Esses argumentos apesar de serem lembradas sempre em primeiro plano, certamente são desafios ainda a serem superados pela educação e mais especificamente no ensino da dança na escola. Apesar de todos esses empecilhos apresentados devemos nos amparar nos documentos pedagógicos tanto em âmbito nacional ou estadual, que nos trazem auxílio tanto para

a preparação das aulas de dança como respaldo teórico para que a mesma esteja presente no dia a dia da escola.

Baseado no PCN de arte, que apresenta como sendo “um dos objetivos educacionais da dança [...] a compreensão da estrutura e do funcionamento corporal e a investigação do movimento humano” (PCN, p. 44) podemos atentar para as aulas práticas de dança no contexto educacional. Ressaltamos que esse documento cita a necessidade da compreensão e investigação do movimento corporal como sendo um dos objetivos nas aulas de arte. Ou seja, apesar da falta de espaço no contexto escolar a investigação do próprio corpo deve estar presente através de aulas práticas na qual o aluno tenha a possibilidade de investigação de seus limites corpóreos. Veremos a seguir outra citação do PCN de arte que nos auxilia a compreender a forma que as aulas de arte podem ser planejadas:

Ao planejar as aulas, o professor deve considerar o desenvolvimento motor da criança, observar suas ações físicas e habilidades naturais. Deve estimular a pesquisa consciente a fim de ampliar o repertório gestual, capacitar o corpo para o movimento, dar sentido e organização às suas potencialidades. Deve estimular o aluno a reconhecer ritmos – corporais e externos – explorar o espaço, inventar seqüências de movimento, explorar sua imaginação, desenvolver seu sentido de forma e linha e se relacionar com os outros alunos buscando dar forma e sentido às suas pesquisas de movimento (PCN, p. 49, 50).

Através da citação acima podemos compreender, segundo os parâmetros curriculares nacionais, caminhos que podem nortear a prática de dança no contexto escolar. Uma prática de exploração de novos gestos possíveis ao corpo, ou seja, a aula como um momento de investigação própria onde o professor faz o papel de mediador. Esse trabalho de mediador deve instigar o aluno a uma busca intensa do entendimento da forma com que o corpo se movimenta. Como ele vê o seu próprio corpo, uma prática de compreensão e busca de novas possibilidades de entender o corpo.

Outro documento que podemos citar, em âmbito estadual são as DCEs de Arte do Estado do Paraná, a qual cita que:

Nas aulas de Arte é necessária a unidade de abordagem dos conteúdos estruturantes, em um encaminhamento metodológico orgânico, onde o conhecimento, as práticas e a fruição artística estejam presentes em todos os momentos da prática pedagógica, em todas as séries da Educação Básica (PARANÁ, p. 69).

Ou seja, a parte teórica deve estar presente nas aulas de arte, não de forma isolada, mas que estejam relacionadas entre si. Como citado nas DCEs, três momentos devem estar presentes nas aulas, “teorizar, sentir e perceber, prática artística” (PARANÁ, p. 70). Esses três momentos devem se fazer presentes nas aulas, não necessariamente na ordem aqui apresentadas.

Aqui explicaremos mais detalhadamente o que são esses três momentos que dentro das Diretrizes Curriculares Ensino no Estado do Paraná norteia o ensino da dança. O teorizar determina o conhecimento teórico, o espaço para o conhecimento científico em relação ao assunto abordado. Outro momento descrito nos documentos que permeiam a prática no estado do Paraná é o sentir e perceber, momentos para que o aluno obtenha vivência em determinado conteúdo através de apreciações artísticas as quais tenham relação com o conteúdo trabalhado. E por último aqui apresentado o trabalho artístico, ou seja, exercícios técnicos, de criação, de exploração em relação ao conteúdo científico, lembrando que esses momentos são concomitantes e que devem estabelecer relações. O aluno, portanto deve “teorizar”, ter conhecimento historicamente construído sobre a dança, de sentir e perceber, envolver a apreciação e apropriação dos objetos artísticos da natureza e da cultura em uma dimensão estética, e também produzir artisticamente como citado nas Diretrizes de Arte:

A prática artística – o trabalho criador – é expressão privilegiada, é o exercício da imaginação e criação. Apesar das dificuldades que a escola apresenta para desenvolver essa prática, ela é fundamental, pois a arte não pode ser apreendida somente de forma abstrata. De fato, o processo de produção do aluno acontece quando ele interioriza e se familiariza com os processos artísticos humanos e humaniza seus sentidos (PARANÁ, DCE ARTE, 2008, p.70).

Sabemos da possibilidade de se trabalhar a parte teórica como apresentado na DCE de Arte do Paraná, ou seja, abordar a história da dança, os principais fatos e gêneros da dança, apreciação e discussão de composições são possíveis de acontecer na escola e muitas vezes ocorrem. Mas a parte de vivência, da prática, de fruição artística nem sempre existe. Apesar de que a maioria das práticas em dança são experimentações de movimentos já predeterminadas com passos ou movimentos estabelecidos ao longo dos anos e que o trabalho do dançarino é copiar ou se adaptar aos movimentos anteriormente mencionados. A dança é fundamental para a aprendizagem. As crianças aprendem mais facilmente a partir da experi-

ência. John Dewey entendeu isso quando ele afirmou, “ação é o teste de compreensão” (DEWEY, 1915).

No entanto, devemos assumir uma postura de enfrentamento diante a realidade escolar e levar os alunos a exploração de novos meios de movimentação baseados na sua concepção corporal, em suas limitações e principalmente na sua capacidade criativa para que a dança não se resuma a passos prontos ou coreografias vinculadas à mídia.

Discutir dança na escola é importante diante a forma que a arte em geral vem sendo tratada no ambiente escolar e especificamente nesse momento a dança. Sobre isso cito:

Essa linguagem ficou ao longo dos anos deixada de lado por parte do professor especialista em arte, aquele que era responsável, pelo menos teoricamente, por trabalhar os conceitos básicos da educação estética em suas diferentes linguagens, isto é, dança, teatro, música e artes visuais. Embora incumbido de realizar esta empreitada, muitas vezes a tarefa ficava restrita, tendo em vista a tradição da área, à produção de desenhos e pinturas e/ou a apreciação de obras de arte (quando não eram obrigados a realizar a decoração e os adereços das festividades) (STRAZZACAPA, Folha 2).¹

Nota-se, através da citação de Márcia Strazzacapa, que por muito tempo o professor de arte restringiu seu papel de educador frente a uma sala de aula, delimitando o ensino de arte apenas a um singelo número de obras e atividades geralmente ligadas a área de artes visuais, deixando o ensino restrito a pintura, desenhos, recortes e colagens.

Percebemos que talvez seja um pouco utópico afirmar que o professor garantirá o aprendizado de seus alunos em todas as áreas, da mesma forma, com a mesma intensidade, pois as vivências, experiências e gosto do professor acabam por influenciar no seu modo de ensinar. No entanto percebemos a importância de abranger todas as linguagens artísticas. Esse é o ponto importante, pois o aluno terá a possibilidade de vivenciar as linguagens artísticas. Também relatamos a necessidade de formação continuada para professores, espaços de debates e discussões na busca de sempre ampliar os conceitos que permeiam a prática pedagógica dos professores de Arte.

¹ STRAZZACAPA, Márcia. Dança: um outro aspecto da/na formação estética dos indivíduos. In: A dimensão estética na formação

O CORPO CONTEMPORÂNEO: DESAFIOS PARA O ENSINO DA DANÇA

Quando pensamos o ensino da dança no contexto escolar deve-se levar em consideração a forma com que o corpo foi se construindo dentro desse ambiente já que o mesmo tem grande influência na formação corporal do indivíduo e visto que o mesmo é considerado um local de formação humana. Ali circulam discursos e práticas que educam os sujeitos tanto para a inclusão como para exclusão, para a competição e para a colaboração ou ainda para serem expressivos ou embotar sua expressividade.

Se avaliarmos segundo a visão dualista que atribui como mais importante o pensamento humano deixando em segundo plano o corpo, nota-se claramente esse olhar dentro do contexto escolar que atribui o conhecimento através da observação e do pensamento e nunca através da corporalidade.

Segundo Pinto, a sociedade e a natureza são vistas pelo indivíduo como forças eminentemente diferentes. Uma oprime, a outra liberta. Uma proíbe enquanto a outra permite a plena expressão e realização do ser humano.

É preciso compreender, afinal, os significados que podem ser agregados à educação corporal nos moldes modernos a partir da reflexão acerca dos eventos, idéias e práticas que vem inspirando a idéia do corpo educado (PINTO, 2004, p. 22).

Se pensarmos a escola como sociedade, vemos a ausência total ou parcial de livre movimentação, sendo essa restrita aos momentos e lugares ditos próprios para que acontecesse, ou movimentos padrões para determinado ambiente. Podemos citar o corredor como exemplo, o mesmo se destina a movimentação de pessoas com um movimento padrão respeitando os outros corpos que transitam pelo espaço.

Essa dita educação do corpo acaba por impor a uma grande parte da sociedade e aqui como foco principal os alunos, um adestramento da natureza corporal do indivíduo.

Pensando essa natureza como as necessidades fisiológicas de um corpo como fome, sede, urinar, dor. Então algo que deve ser levado em consideração sempre que citamos o corpo em qualquer instituição é a forma que esse foi educado, tendo em vista que ele é uma construção cultural, formado dentro de um contexto histórico, do qual o corpo faz parte.

O significado cultural estabelecido a esse corpo varia conforme a educação vinda de casa, as crenças devotadas a ele entre outros. Para pro-

por novas formas de exploração de movimento ao corpo do aluno devemos compreender o “entre”, citado por Greiner:

Este entre são os vários relacionamentos da nossa vida e é justamente esta rede de relações que parece prover a humanidade com significados sociais, ou seja, o homem nunca esta separado do ambiente onde vive e dificilmente pode ser compreendido sem uma atenção especial às relações que se organizam (GREINER, 2008, p. 23).

A linguagem corporal do individuo é formada desde o seu nascimento, por meio das suas vivências corporais, a liberdade de expressão que os pais atribuem, a forma com que o movimento corporal é visto em meio à sociedade do qual o individuo se faz presente. Sociedade essa que pode variar desde a mais próxima como família, amigos e até mesmo a religião da qual o mesmo participa, seguindo suas crenças e conceitos. Ressaltamos a importância de refletir sobre a individualidade de nossos alunos, não pensando a cultura como impedimento, ou algo que se opõe a natureza, mas ter consciência a pluralidade de estilos e culturas nas diferentes dimensões.

O nosso papel e quando escrevo nosso, me incluo no trabalho enquanto arte-educador é expor ao aluno dentro das suas possibilidades de movimento, novas experiências, fazendo com que ele estabeleça novas relações, descubra distintas possibilidades de movimentação para o seu próprio corpo, não receitas prontas, mas que o mesmo faça experimentações diversas. Para que isso ocorra:

O tipo de performance de um corpo depende sempre da estrutura do sistema, na relação com o ambiente [...] e na forma como a memória se manifesta, já que a memória é também uma propriedade sistêmica e fundamental para a sobrevivência do vivo (GREINER, 2008, p.40).

Ou seja, que a partir da memória corporal do mesmo, ele possa estabelecer novas relações com o ambiente e possa dessa forma explorar novas possibilidades de movimentação para esse espaço. Greiner nos apresenta essa memória corporal, uma reminiscência dos movimentos já utilizados, movimentos já assimilados pelo nosso corpo como chutar, andar de bicicleta, quais movimentos são necessários para subir em uma árvore, as relações e sensações estabelecidas entre meu corpo e o espaço no momento de uma queda. Podemos compreender a importância de pensarmos na estrutura corporal do aluno, e que a dança depende das variações de movimento que esse corpo possibilita, até onde meu corpo é capaz de chegar,

quais os movimentos possíveis a ele, então analisar o corpo como algo que se propõe a novas experiências.

Singularidade do corpo está ligada a identidade das suas ações em um ambiente e o fluxo incessante de imagens que não apenas o identificam em relação aos demais seres vivos, mas o tornam apto a sobreviver (GREINER, 2008, p. 80).

Essa sobrevivência do vivo, aqui descrita por Greiner, relacionamos a sobrevivência do aluno dentro do contexto escolar, que deve seguir regras para que continue apto a estar nesse espaço. Em determinados momentos a escola aparenta colocar o aluno como um ser reprimido de suas necessidades, pois o poder rege e determina como deve se fazer, quando e onde deve se fazer, como já foi citado, Seríamos extremistas se analisássemos apenas com foco na livre expressão e movimentação, já que o espaço escolar se faz com a presença de indivíduos. E com esse grande número de pessoas circulando por esse espaço se faz necessária uma organização consistente, para que a escola continue cumprindo o papel a qual se designa. Nisso se relaciona a citação de Greiner sobre a sobrevivência do vivo, que se mesmo não respeitar esses momentos acaba por não sobreviver dentro desse contexto. Esse respeito não apenas como repressão, mas para organização.

Nosso corpo traz marcas sociais, históricas, portanto questões culturais, experiências vividas, questões do gênero, questões de pertencimento sociais podem ser lidas através do corpo. De acordo com Greiner, este processo corporal se inicia desde o nascimento aprendendo padrões de movimentos para realizar determinadas ações, este corpo se propõe as novas experiências, para isso alguns movimentos deixam de existir e são descartados pelo corpo.

Um dos pontos a serem pensados sempre que refletimos em corpo, é na sua construção histórica e social. Tomemos como suporte para se pensar o assunto a reflexão de Carlos Drummond de Andrade, em seu poema “Eu, etiqueta”:

Em minha calça está grudado um nome / que não é meu de batismo ou cartório, um nome [...] estranho. / Meu blusão traz lembrete de bebida / que jamais pus na boca, nesta vida. / Em minha camiseta, a marca do cigarro / que não fumo, até hoje não fumei. [...] Estou na moda. [...] / Com que inocência demito-me de ser / eu que antes era e sabia / tão diverso de outros, tão mim-mesmo, / ser pensante, sentinte e solidário / com outros seres diversos e conscientes/ de sua humana, invencível condição [...] Onde terei jogado fora/ meu gosto e capacidade de escolher,/ minhas idiossincrasias tão pessoais, / tão minhas que no rosto se espelhavam, / e cada gesto, cada olhar, cada vinco da roupa/ resumia uma estética? / Por me ostentar assim, tão orgulhoso/ de não ser eu, mas artigo industrial / peço que meu nome retifiquem. Já não me convém o título de / homem./ Meu novo nome é coisa. Eu sou a coisa, coisamente.²

A poesia de Drummond nos alerta a sempre que pensamos em práticas de dança levar em consideração à formação do corpo do aluno dentro da individualidade do mesmo.

Ao iniciar o desenvolvimento da dança é necessário redescobrir as informações que cada parte do corpo trás para reincorporá-lo na dança. Admitindo que o corpo nos informa, sobre a própria pessoa, como Isabel Marques cita: “[...] nosso corpo é a expressão de nosso gênero, etnia, faixa etária, crença espiritual, classe social” (MARQUES, 2003, p. 117).

Ainda para Marques, a relação entre corpo, dança e educação é fundamental para se ensinar as práticas de movimento, eles estão inteiramente ligados. Entretanto, as técnicas educativas muitas vezes impossibilitam o desenvolvimento do aluno. Quanto a isso Isabel cita: “o processo educativo, não poderia destruir a nossa criança interior” (MARQUES, 2003, p. 113).

Pode-se dizer que isso acabe sempre sendo notado por aqueles professores que apesar da dificuldade se aventuram em trabalhar com dança no ambiente escolar e notam o preconceito que alguns indivíduos demonstram com o movimento, o desejo de não participar, ou o rosto de insatisfação quando participam de algo indesejado ou apenas pelo fato de determinada atividade/trabalho ter como resultado notas.

Deve-se levar em consideração a compreensão que o aluno tem de corpo e principalmente sobre o próprio corpo, já que o ser humano é geneticamente social e a própria natureza humana se constitui num processo de interação interpessoal e intercultural.

² ANDRADE, Carlos Drummond. Eu etiqueta, *Jornal do Brasil*.

O ESPAÇO DA DANÇA – A PROPOSTA

122

Dentre vários motivos apresentados por professores de arte da rede estadual, quando questionados sobre a ausência das aulas de dança na escola, é a falta de um espaço para que a mesma aconteça. Não negamos a necessidade desse espaço, mas como apresentado no título desse artigo podemos buscar espaços alternativos que nos auxiliem nas atividades propostas pelo professor, disponibilizando assim uma aula que vai além da parte teórica, e que possibilita uma relação de experiência e descoberta de possibilidades.

A etapa do processo de investigação apresentada nesse momento é resultado do período de teorizar descrito anteriormente, o cuidado e o respeito nesse momento são fundamentais ao corpo, e dará suporte às práticas, servirão de arrimo para descobertas e redescobertas do corpo próprio.

Busca-se com as propostas suscitar a reflexão nos alunos sobre seu corpo, as formas com que o movimento se constrói dentro de si, e os caminhos e formas que o levam e exteriorizar-se.

Olhar para dentro, para que o movimento se exteriorize com sua individualidade, traçando um caminho de dentro para fora, em sintonia com o de fora para dentro e com o de dentro para dentro, criando assim, uma rede de relações, uma rede de percepções (MILLER, p.18, 2007).

Essas redes de relações descritas por Miller são as varias formas de descoberta de meios de pensar o corpo, uma rede de percepções de si mesmo, dentro de sua individualidade.

As atividades propostas nesse momento pelo pesquisador com função de mediador, auxiliou os alunos a exploração de possibilidades diversas, com intenção dos alunos conseguirem ouvir o corpo, atividades como “função de raios-X” foram desenvolvidas, ou seja, momentos em que os alunos pudessem sentir e perceber o próprio corpo, os movimentos internos e fizessem descobertas corporais, colocando-se como ouvintes atentos de seu corpo. Nesse período de atividades foi nítido o sentimento de estranhamento em relação à atividade pelo motivo de que durante muito tempo a prática e o trabalho com o corpo ficou ausente nas aulas de arte, também foi notado a falta de conhecimento do próprio corpo como citado pelo aluno Marcio³, “*Não temos tempo de pensar no corpo*” essa fala demonstra a falta de espaços-tempos para a investigação e percepção corporal.

Outros momentos que se fizeram presente na prática tiveram como objetivos principais estimular relações entre o corpo do aluno e o

corpo do outro, compreendendo de que forma esse “entre” se faz presente. Como demonstra a fala do aluno Pedro, “*Era esquisito quando a gente encostava-se ao outro, mesmo sem querer*”, a frase do aluno nos permite uma reflexão sobre a compreensão que os mesmos dentro de um pensamento que foi se construindo ao longo de sua vida têm sobre o próprio corpo e o corpo do outro, como sendo o toque uma invasão de limites ao próximo.

A turma foi dividida em dois grandes grupos para que os alunos pudessem ter dois momentos durante as atividades, o momento de pensar o corpo individualmente como cita Miller, “o pensamento do corpo, que é um estar pensante em suas sensações, enquanto se executa o movimento, sentindo-o e assistindo, tornando-se, dessa forma, um expectador do próprio corpo” (2007, p. 22) e o outro momento de expectadores, onde os alunos puderam analisar a forma da construção do movimento do colega em relação às atividades propostas, buscando assim maior concentração para exploração dos seus movimentos, relacionando as suas possibilidades de movimentação com o do outro, e dessa forma compreendendo as individualidades do próprio corpo, mesmo em momentos de criação em conjunto.

Os eixos que permearam a pesquisa de campo foram interligados através do pensamento do “entre” descrito por Greiner, focando todas as atividades nas possíveis relações presentes nesse entre, e a forma com que se estabelecem essas relações, e buscando assim uma quebra de parâmetros, uma exploração de novas formas de relação.

Após explorar nos dois momentos anteriores a relação estabelecida entre o próprio corpo, e a relação com o corpo do outro, se vivenciou novas formas de relação com o espaço escolar.

Durante esse momento notou-se certo nível de dificuldade maior do que nos momentos anteriores, já que a proposta, por vários momentos tinha como objetivo a quebra da funcionalidade original de determinado espaço, para que acontecesse a exploração de novas relações com o meio.

Descrevemos agora algumas atividades que foram realizadas bem como os seus objetivos e problemas, possibilidades e desafios. A primeira atividade propunha que os alunos postos no final de um corredor explorassem novas formas de transitar por ele, até o seu final. Varias formas foram exploradas, desde carregar no colo, até passar utilizando outros apoios que não fossem os tradicionais, nesse caso os pés.

O sentimento de estranhamento se tornou visível não apenas pelos alunos que vivenciavam a prática, mas também para aqueles que ao transitar pelo espaço agiam como espectadores.

³ Todos os nomes apresentados no artigo são fictícios.

Podemos relacionar esse sentimento de estranhamento com a citação:

O ser humano tem a capacidade de criar uma grande variedade de dispositivos periféricos que são capazes de armazenar, processar, representar nossos significados, fazer aperfeiçoamento, reforçar e proteger os processos de transformação, que são nossos pensamentos. Dessa forma, enfrenta o meio ambiente com seu repertório corrente de habilidades. Se o meio se torna mais complexo, o corpo encontra e desenvolve, se for apto para tal, outras habilidades (MUNIZ, p. 70, 2004).

Por meio do que chamamos de hábito, entendemos a forma com que o corpo do indivíduo desenvolve certa compreensão da maneira dita correta de postura em determinado ambiente, e que toda vez que essa postura já intitulada correta tem a possibilidade de ser quebrada, causa um sentimento de estranhamento visto que a relação que se estabelece com o ambiente, foge daquele o qual estamos habituados a estar, como cita: “Hábito implica repetição. Algo se torna um hábito quando se repete muitas vezes, especialmente quando não se pode controlar (MUNIZ, p. 68, 2004).

Descrevemos aqui, uma das falas dos alunos, que após as atividades de reflexão e exploração de novas formas de relação com o espaço, declarou *“isso é muito estranho pra mim, já que durante muito tempo a relação minha com o espaço se deu de outra forma, e frisou, é como se durante toda a minha vida eu urinando de pé, alguém chegasse e me propusesse a experimentar urinar sentado, não que isso não seria bom, ou prático, já que nunca mais erraríamos o alvo, mais seria estranho para mim, e levaria certo tempo para me acostumar”*.

Nota-se na fala do aluno como é forte a relação que temos com nosso corpo, e que foi sendo gerada durante toda nossa formação enquanto indivíduos, que apesar de que nossa memória corporal pode ser remodelada através da exploração e investigação, e que existe essa possibilidade de modificação, muitas vezes levamos conosco uma formação.

Podemos concluir que através desses exercícios acima citados como exemplo, que existe a possibilidade de se trabalhar dança no âmbito escolar, abrangendo os conteúdos descritos nas DCE's de Arte do Estado do Paraná, e englobando os três momentos descritos na mesma, teorizar, sentir e perceber, e prática artística.

Pensando o corpo do aluno dentro de sua particularidade, mas propondo novos meios que comunicação e movimentação através da exploração de possibilidades de ação.

O professor trabalhando dessa forma pode colaborar para a exploração e investigação corporal de seus alunos, tornando-os pessoas mais críticas em relação ao próprio corpo, com outras percepções e relações com o mundo. Buscando por meio de pesquisas investigativas de que forma se constrói a relação entre corpo escola, e as rotinas que envolvem os processos corporais dentro desse espaço, pensando na necessidade de ampliação dos espaços-tempo para movimentação.

Por meio da consciência corporal dos alunos, compreender quais momentos dentro do espaço-tempo escolar é oportuno para atitudes de liberdade e quais são de controle.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir por meio dessa pesquisa que apesar das dificuldades aparentes para o ensino da dança, e a falta de um espaço para que a mesma aconteça (apenas lembramos que não negamos a necessidade desse espaço), a dança pode ser abordada dentro do contexto escolar, já que a mesma é de grande valia para os alunos. A partir desta perspectiva, dança e educação são vistos como domínios complementares de conhecimento. Dança representa uma expressão inteligente da experiência humana e é uma importante fonte de entendimento que contribui para o crescimento cognitivo, emocional e físico em ambientes multiculturais. A educação é o meio pelo qual podemos aumentar o conhecimento e desenvolver competências.

Buscando novos espaços para que ela advenha e compreendendo a relação entre o corpo do aluno e esse espaço. O momento de exploração e pesquisa de movimentos deve e pode se fazer presente no contexto escolar, para tanto o professor pode propor exercícios que auxiliem nessa prática, respeitando a formação corporal do indivíduo e instigando a exploração de movimentos. Algumas das soluções para esses problemas envolvem as políticas públicas, e apesar de não querer me aprofundar nessa questão é quase impossível não citar a falta de interesse por parte do governo e da população em geral, diante de uma educação sensível. Infelizmente, ainda estamos alienados a um método de ensino que tem como objetivo formar pessoas aptas ao mercado de trabalho, resultando em cidadãos com pouca ou nenhuma capacidade de poder crítico e reflexivo.

Também pudemos notar com a pesquisa a necessidade de forma-

ção continuada para os professores, nesse caso os professores de arte. Levando em consideração que essa formação auxilia para a busca do novo e na troca de idéias, não buscando receitas prontas, mas uma conversa sobre aquilo que foi feita, os acertos e erros, caminhos que podem nortear a prática da arte no âmbito escolar. Se o professor entender e desmistificar a arte contemporânea, perceberá que características como a diversidade de corpos, culturas e processos de criação tornaram-se a base de grandes trabalhos artísticos atuais. O trabalho com a dança possibilita a descoberta do próprio corpo, e o docente deve ser o primeiro a reconhecer que cada indivíduo possui corpos diferentes e maneiras particulares de se movimentar, o que resultará na conscientização do próprio aluno com relação ao respeito à individualidade dos seres humanos

Concluimos que a dança pode se fazer presente na escola, apesar de dificuldades apresentadas, e que a mesma é de grande importância, pois por meio da mesma, podemos aguçar a visão de nossos alunos, para com o mundo, com a sociedade que o cerca e principalmente consigo mesmo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. de. *Eu: etiqueta*. In: *Eu, Etiqueta*. Corpo. Rio de Janeiro: Record, 1984.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de educação Fundamental*. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

CARLINI-Cotrin, B. *Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigação sobre o abuso de substâncias*. *Rev Saúde Pública*, v. 30, n. 3, p. 285-293, 1996.

GREINER, Christine. *O Corpo: pistas para estudos indisciplinados* – 3ª edição, São Paulo: Annablume, 2008.

MARQUES, Isabel A. *Dançando na escola*. São Paulo: Cortez, 2003.

MILLER, Jussara. *A escuta do corpo: Sistematização da Técnica Klaus Vianna* – São Paulo: Summus, 2007.

MUNIZ, Zilá. *Improvisação como processo de composição na dança contemporânea*. 2004. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Arte*. Curitiba SEED-PR, 2008.

PINTO, Rubia-Mar Nunes. *A Educação do corpo e o processo civilizatório: A formação de estatuas pensante*. In *Revista Conexões*, v. 2, n. 2, 2004.

STRAZZACAPPA, Márcia. *Dança: um outro aspecto da/ na formação estética dos indivíduos//UNICAMP*. In: 30º REUNIÃO ANUAL DA ANPED, Minas Gerais, 2007.

STRAZZACAPPA, Márcia. *A educação e a fábrica de corpos: A dança na escola*. In *Cadernos Cedes*. v. 21, n. 53. Campinas, abr. 2001.